REVISTA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS | ISSN: 2447-0244
V.1, n.2, jul-dez.2015
Missões

Colônia à vista: Breve estudo sobre a partilha africana

Cologne on the spot: Brief study on African sharing

Joao Paulo Dalbosco[1]

Resumo: Este artigo tem por objetivo, elucidar o período de exploração executado por povos europeus, dentro do continente africano, que ocorreu a partir do final do século XIX, entre 1880 a 1935. Um breve período de tempo cronológico, 55 anos, pouco mais de meio século, porém um período muito longo em acontecimentos. Um período sem precedentes históricos na porção de terra que conhecemos como África.

Palavras-Chave: Colonização, África, Cultura.

Abstract: This article aims to elucidate the exploration period run by European peoples within the African continent, which took place from the late nineteenth century, from 1880 to 1935. A brief period of chronological time, 55 years, just over half century, but a very long period events. An unprecedented historical period in the piece of land we know as Africa.

Keywords: Colonization, Africa, Culture.

Introdução

A partir de 1880, potências estrangeiras, ou mais precisamente, potências europeias, por interesses econômicos se põem sob o direito de explorar o continente negro, de modo a instaurar seu sistema colonial, e obter proveito econômico deste fértil continente. Até o início

[1] E-mail: joaodalbosco@outlook.com

de 1880, apenas uma porção isolada da África estava sob dominação direta de europeus. Como Boahen (2010) salienta, a dominação na África ocidental, era limitada a zonas costeiras, e ilhas do Senegal, a cidade de Freetown e arredores, regiões da Costa do Ouro, e à Ilha de Lagos. Já a África setentrional, tinha apenas a Argélia colonizada, enquanto na África central, somente a costa de Moçambique e Angola eram colonizadas. Por fim, a África Oriental não possuía colonizadores.

Portanto, até 1880 a África, em sua maior parte era governada e administrada pelos próprios africanos, em suas mais diversas maneiras de formas de governo. Passados 34 anos, a África se vê quase que inteiramente dominada por europeus, restando apenas a Etiópia e a Libéria, como áreas não colonizadas (fig. 1). A África não sofre só por ser colonizada de maneira econômica, mas tem sua cultura completamente modificada. Ferhat ‘Abbas (1931, p.9) salienta que “uma nação inteira, sem estar preparada para isso, vê-se obrigada a se adaptar ou, se não, sucumbir”.



Figura 1: África em 1880.

Fonte: UNESCO, 2010

Segundo Boahen, a maneira com o que os povos da África viram o colonialismo ainda foge aos estudos de historiadores, mas alguns relatos de época demonstram aversão por parte dos africanos.

Quando os britânicos ofereceram proteção à Prempeh I, rei Ashanti (apud. FYNN, 1971 p.43-44), o mesmo respondeu:

> A proposta para o pais Ashanti, na presente situação, colocar-se sob a proteção de Sua Majestade, a Rainha e Imperatriz da Índia, foi objeto de exame aprofundado, mas me permitam dizer que chegamos a seguinte conclusão: meu reino, o Ashanti, jamais aderira a uma tal política. O pais Ashanti deve continuar a manter, como até agora, laços de amizade com todos os brancos. Não é por ufanismo que escrevo isto, mas tendo clareza do significado das palavras [...]. A causa dos Ashanti progride, e nenhum Ashanti tem a menor razão para se preocupar com o futuro ou para acreditar, por um só instante, que as hostilidades passadas tenham prejudicado a nossa causa.

Declaração do rei dos Mossi, Wogobo (apud. CROWDER, 1968 p.97), a um oficial francês:

> Sei que os brancos querem me matar para tomar o meu país, e, ainda assim, você insiste em que eles me ajudarão a organiza-lo. Por mim, acho que meu pais está muito bem como está. Não preciso deles. Sei o que me falta e o que desejo: tenho meus próprios mercadores; considere-se feliz por não mandar cortar-lhe a cabeça. Parta agora mesmo e, principalmente, não volte nunca mais.

Declaração de Menelik (1883), rei da Etiópia, para a rainha Victória, da Inglaterra:

> Não tenho a menor intenção de ser um espectador indiferente, caso ocorra a potências distantes dividir a África, pois a Etiópia há quatorze séculos tem sido uma ilha cristã num mar de pagãos. Dado que o Todo-Poderoso até agora tem protegido a Etiópia, tenho a esperança de que continuará a protege-lá e a engrandece-la e não penso sequer um instante que Ele permita que a Etiópia seja dividida entre outros Estados. Antigamente, as fronteiras da Etiópia eram o mar. Não tendo recorrido a forca nem recebido ajuda dos cristãos, nossas fronteiras marítimas caíram em mãos dos muçulmanos. Não abrigamos hoje a pretensão de recupera-las pela força, mas esperamos que as potencias cristãs, inspiradas por nosso Salvador, Jesus Cristo, as devolvam a nós ou nos concedam pelo menos alguns pontos de acesso ao mar.

Os africanos em sua maioria não tinham pretensão de mudar o modo com que se relacionavam com os europeus. Possuíam confiança em seus deuses, portanto criam na

provisão dos mesmos, e em ajuda divina, ou seja, acreditavam que seus deuses os protegeriam das ameaças humanas, caso elas viessem a existir. Além disso, alguns países possuíam armamentos resultantes de câmbio com países da Europa num passado próximo. Porém, os europeus, que vinham munidos de novas tecnologias provenientes da Revolução Industrial, tinham novos interesses, novas necessidades políticas e de comércio. Munidos de novas armas, com maior potência e capacidade de carga que as armas africanas, os europeus estavam obstinados a exercer controle direto sob o continente africano. Praticamente todos os governantes africanos foram derrotados, resultando assim, no início da colonização europeia sobre o território da África.

A resistência foi breve, pois as vantagens que os africanos recebiam os agradava, como a paz, e algumas tecnologias europeias: bicicletas, ferrovias, lâmpadas, novas formas de riqueza e poder. Como Margery Perham (PERHAM, 1960, p.28 apud BOAHEN, 2010 p.10) salienta, eram vantagens irresistíveis.

Causas da partilha

A descoberta de diversas riquezas africanas a partir de 1861, como o diamante, ouro e cobre, faz com que europeus desejem emigrar para o continente, em busca de enriquecimento.

Em 1874, a teoria da colonização africana previa que o colonizador ensinaria o colonizado processos de aproveitamento de terra, e que em troca contribuiriam para o prestígio da França, seu representante estrangeiro. (BRUNSCWING, 2013 p.22).

Sobre isso, Brunscwing (2013 p.23) complementa:

> Isso repousava também, lamentavelmente, na ignorância total das estruturas sociais e mentais dos aborígenes, cuja colaboração era tida como certa, na ingênua convicção de que a única civilização era a do Ocidente, e que as "raças inferiores" não podiam senão aspirar e elevar-se para gozar de seus benefícios. E isso supunha que em França industriais e banqueiros estavam preparados para fornecer os meios necessários.

A partir desta pressuposição do autor em questão, pode-se resumir todo o processo de colonização africano. Basicamente o trecho enfatiza que o colonizador, com suas principais

intenções ocultas, utiliza dos pontos fracos do colonizado para tirar proveito do que para eles era interessante.

Godfrey N. Uzoigwe contraria a clássica ideia proposta por Robinson e Gallagher (1961 p.3) de que a ocupação inglesa no Egito, em 1882 teria desencadeado a colonização africana. Segundo Uzoigwe (2010 p.32) três acontecimentos deram início a colonização da África:

Em 1876, o interesse de Leopoldo I, rei belga, em explorar os Congos em 1879, que resultou na criação do Estado Livre do Congo, e as expedições africanas, que até 1880 conseguiu firmar colônia em Moçambique.

O terceiro acontecimento base, seria a convocação, por parte de Portugal, para discussão sobre os conflitos territoriais africanos. Essa ideia, afirmada pelo chanceler Bismarck, concretizou-se e realizou-se em Berlim.

Conferência de Berlim

Reunindo as principais potências interessadas no território africano, mais Estados Unidos da América e o Império Otomano, totalizando 15 países, foi realizado entre 15 de novembro de 1884 e 26 de novembro de 1885, a Conferência de Berlim.

Dentre todos os assuntos discutidos na então conferência, o principal foi a divisão da África. Sem conhecer o território africano, líderes europeus dividiram o continente sem nenhuma pretensão de preservar limites territoriais já existentes. “Para tomarmos ciência desse fato, basta prestar atenção ao predomínio de linhas de fronteiras retilíneas, traçadas com régua e esquadro, ou ajustando-se às latitudes e longitudes. ” (SERRANO, WALDMAN, 2010 p.212). Mal sabiam os africanos, que deixaram de ser escravos em terras estrangeiras para se tornarem escravos no seu próprio continente, e muito provavelmente, na sua própria nação.

Em 1885, com a África “dividida”, a Europa parte com seus exércitos em missão de desbravar suas novas terras. A França e Espanha foram os países mais ativos neste período de colonização. Segundo Serrano e Waldman (2010, p. 216) os exércitos francês e espanhol, eram formados basicamente por meliantes, criminosos em geral, que em troca de uma nova cidadania, se ofereciam como soldados.

Com exceção da França e da Espanha, a colonização não foi muito simples aos demais países. Ttomando a Alemanha por exemplo: "[...]a conquista da África Oriental Alemã foi a mais feroz e a mais demorada de todas as guerras de ocupação efetiva, prolongando-se de 1888 a 1907". (UZOIGWE, 2010 p. 43).

A Itália foi o país com maior dificuldade de conquista em seus territórios, sofrendo derrotas em suas batalhas, como em Adowa em 1896, somente em 1911 conseguiu ocupar a Cirenaica e a Tripolitânia, zonas costeiras do norte da África.

A nova divisão geográfica da África passou a ter cerca de 30% de sua extensão de fronteiras formadas por linhas retas. (fig.2).

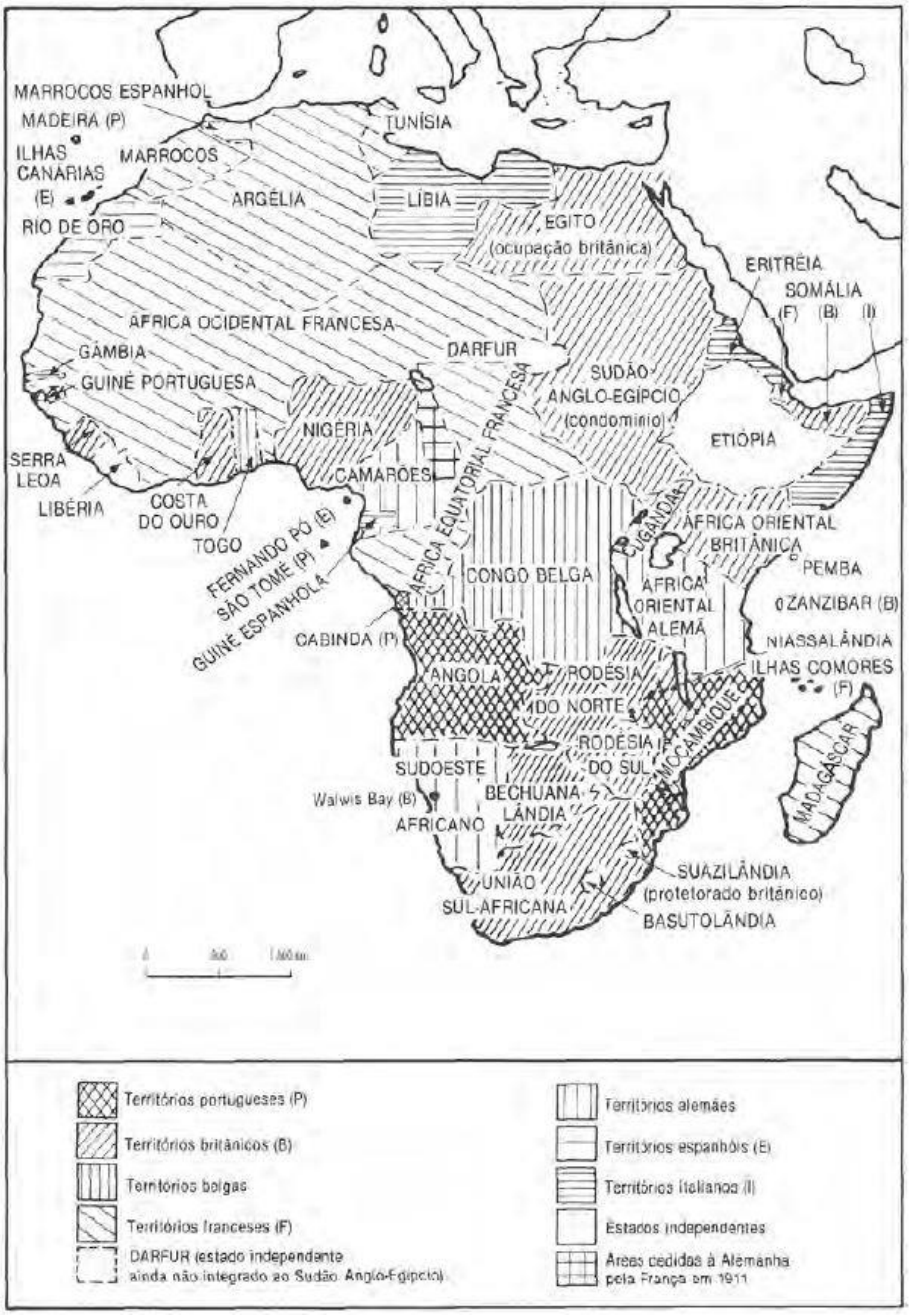
"Em 1902 a conquista estava quase concluída. Foi uma história particularmente sangrenta. O devastador poder de fogo da metralhadora Maxim e a relativa sofisticação da tecnologia europeia devem ter significado uma experiência amarga para os africanos" (UZOIGWE, 2010 p. 49).

Também é importante citar parte do texto de Serrano e Waldman (2010, p.223), onde os mesmos frisam que:

> [...] é possível, de certa forma, situar o berço da máquina de extermínio aprimorada pelo nazifascismo no século XX em muitas das ações coloniais na África. Isso em escala que se estende da Legião Estrangeira Espanhola [...] até os métodos de repressão exercitados nos povos coloniais. E se a tônica repousar na questão do extermínio premeditado puro e simples de populações inteiras, não esqueçamos que o cartão de visitas da presença europeia na África foi o cruel genocídio dos *guanchos* da Canárias, uma antecipação de massacres que vitimaram muitos outros povos do continente.

A África estava territorialmente dividida, resta tentar entender, como essa divisão afetou a cultura dos povos africanos.

Figura 2: África em 1914



Fonte: OLIVER & FAGE,1962

Religião africana no período colonial

A colonização europeia afetou a África não só no sentido político e econômico, mas também afetou a sociedade de forma a modificar a cultura, e suas religiões. Pode-se dizer que a Europa utilizou de sua própria cultura como um "pilar", para dar apoio às suas convicções econômicas.

A religião do continente africano, era, e ainda é muito ligada à sua cultura. Basicamente, o povo africano cria em Deus, cujo seu nome variava de uma sociedade para outra, era essencialmente espírito, não possuía imagens, tampouco se parecia com homens. Era a base de toda sua sociedade, castigava e recompensava humanos conforme seus atos.

Abaixo deste Deus existiam os espíritos de ancestrais, que também mereciam reverências. Logo após, encontrava-se as deidades, ou deuses que também possuíam algum tipo de poder. Por fim, ficavam os amuletos, que por sua vez tinham poder de proteção, ou agressão.

A religião por muitas vezes sofria mutações, conforme Opoku (2010 p. 593) salienta: "Não havia deus ciumento que proibisse a aceitação ou o acréscimo de novos deuses e novas crenças – e novos cultos e novos altares apareciam, enquanto outros declinavam".

No período pré-colonial, foram acrescidas duas novas religiões no continente africano: o cristianismo e o islamismo. Duas religiões que conseguiram se fixar antes da chegada das tropas colonizadoras.

Algo que merece destaque nesta situação, é que a partir de 1840, houve uma vasta penetração de missionários cristãos, que estabeleciam centros de catequese e de comércio no interior do continente. Estes missionários, conhecendo o continente, serviriam de guia para europeus desbravadores, realizaram a partilha africana, próximo ao fim do século XIX.

Os europeus passam a manipular e anular a cultura africana no período de colonização. "Toda a intervenção europeia, durante o período colonial, fundamentava- se no postulado de que, para implantar o progresso, era preciso transformar ou mesmo destruir por completo a cultura africana". (OPOKU, 2010 p. 597). Consequentemente, as religiões africanas passam por um impasse, ao ter que sobreviver à colonização, devido ao fato da mesma estar fortemente ligada à cultura continental. Grande parte das religiões são massacradas, restando apenas alguns poucos cultos locais. Estes cultos, para sobreviver, foram acrescidos de ideais cristãos, como oculto Mumbo, praticado pelos Gusii.

O cristianismo penetrou África adentro, fazendo com que pessoas descontentes com o cristianismo tradicional, compreendessem a religião com base naquilo que já sabiam, de modo que associavam as suas próprias necessidades religiosas. Havia então, a partir deste período, um novo cristianismo, adaptado a necessidade religiosa africana, com influências de religiosidades locais, e também, haviam religiões locais, agora com elementos cristãos.

O islamismo também teve grande expansão territorial no período de colonização europeia, no século XIX. O islã foi adotado como religião por alguns povos africanos, como os Hauçás e Fulas (MACEDO, 2013 P. 127-128).

A expansão colonial europeia trouxe consigo a expansão do cristianismo e islamismo, acrescendo duas grandes religiões ao pluralismo religioso africano, conforme defende Opoku (OPOKU, 2010 p.624), mas também, acabou por descaracterizar muitas crenças locais, quando não, destruí-las por completo, trazendo consigo alguns conflitos e massacres religiosos, como a eliminação do culto Nyabingi em 1928 (OPOKU, 2010, p. 600).

Arte africana durante o processo de partilha

Pouco se consegue avaliar sobre o impacto colonizador em relação à arte africana. Soyinka (2010 p.626) afirma que certos tipos de artes não sofreram mutações, como as esculturas de Yoruba, Baule e Bakota. Porém outras modalidades de arte sofreram mutações tanto na forma, quanto no conteúdo.

A arte mural Mbari acabou por ser inserida de inúmeras cores inexistentes até a metade do século XIX, pois anteriormente a isso, ficava atrelada à natureza africana, e seu processo de fabricação de tintas. “Grande parte da história da África nos foi transmitida [...] pelo canto. [Quando se toca *mbira* e se canta], veem-se desenrolar cenas dos tempos idos e as vagas e enevoadas figuras de sonho do passado delineiam- se na época moderna.” (Majuru, apud. BERLINER, 1978, p. 133.)

A música mbira, com seu instrumento base, “[...] uma caixa de ressonância provida de cordas tensas e com a forma clássica de uma cabaça, apresenta naturalmente dezenas de variantes”. (SOYINCA, 201 p.636) Era tocada por músicos que acreditavam que seu som subia em direção ao céu, fazendo assim uma ligação com o mundo dos espíritos. Executado por ambulantes, a música mbira foi capaz de transcender os limites geográficos impostos pela Europa até o início do século XX.

A partir do século XX, surge uma variação da música mbira, o mashwave, que começou a substituir o ritmo mbira tradicional. Era acompanhado muitas vezes de tambores ou flautas.

Exploradores comparavam o som do mbira ao som da cítara, do clavecino e da espineta. (BERLINER, 1978, p. 41). Tido como instrumento popular, era tocado por muitos povos em diversas regiões. Com o passar do tempo, acabou por conquistar os ouvidos dos desbravadores, que chegaram a levar o mbira para fora da África. Tal instrumento foi visto na Rodésia do Sul, onde fez tímidas aparições em suas orquestras religiosas, nos anos de 1920 (SOYINCA, 2010 p. 637).

Considerações finais

Notamos então, que a África teve toda sua estrutura modificada. Desde a economia, que continha bases muito fortes na exportação de escravos, para exportação de riquezas naturais. Percebeu-se então, que o povo africano, passou a ser escravo em seu próprio continente. É importante também salientar, a divisão dos países africanos, a partir da conferência de Berlim. Tal divisão "extraordinariamente feita a régua", foi praticada sem consentimento dos povos da África.

Não houve uma grande repressão, pois, os africanos não possuíam tecnologias suficientes para frear a colonização. Outros motivos como a confiança no comércio entre brancos e negros, e a crença em seus deuses, fizeram dos africanos, povos pouco preparados e resistentes perante os europeus.

Houve mudanças culturais, a religião sofreu grande mudança, com a expansão do islamismo e cristianismo algumas religiões africanas se vêem no dilema entre adaptar-se ao cristianismo ou a sucumbir.

A cultura musical sofreu poucas alterações, sendo a mesma "furtada" dos africanos, a partir de desbravadores que encantaram-se com tal sonoridade, para ser disseminada em orquestras religiosas de origem europeia.

Basicamente, o continente todo viu-se obrigado a modificar seu modo de vida, a partir do final do século XIX. De 1880 a 1935, a África passou pela época de maior transformação registrada na história do continente, foram anos sem precedentes. Anos que marcaram aqueles povos de uma maneira que será difícil de se esquecer. Se é que será possível esquecer.

Referências

ABBĀS, F. **Le jeune Algerien**. Paris: Editions de la Jeune Parque. 1931.

ASMAI, Arquivos do Ministerio degli Affari Esteri (Roma), Ethiopia: Poso 36/13-109. **Menelik to Queen Victoria, Adis Abeba**, 14 Miazia, 1883, documento acrescentado a *Tarnielli to MAE,* Londres, 6 de agosto de 1891.

BERLINER, P. **The Soul of Mbira**. Berkeley, University of California Press. 1978.

BOAHEN, A. A. A África diante do desafio colonial. In: UNITED NATIONS EDUCACIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO), **História Geral da África . VII:** África sob dominação colonial, 1880-1935. Editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev.– Brasília: UNESCO. 2010, vol. VII. Cap. 1.

BRUNSCHWING, H. **A Partilha da África Negra**. Traduzido por Joel J. da Silva 2ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CROWDER, M. 1968. **West Africa under Colonial Rule**. Londres, Hutchinson: 1968.

FYNN, J. K. 1971. "Ghana-Asante (Ashanti)". In: M. CROWDER, org. *West African Resistance.* p. 19-52.

GALLAGHER, J. e ROBINSON, R. 1953. **The imperialism of free trade**. HER: 1953 VI, 1 :1-15.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.

OPOKU K. A. A religião na África durante a época colonial. . In: UNITED NATIONS EDUCACIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO), **História Geral da África . VII:** África sob dominação colonial, 1880-1935. Editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO. 2010, vol. VII. Cap.20.

SERRANO, C; WALDMAN, M. **Memória d'África:** a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2010.

SOYNKA, W. As artes na África durante a dominação colonial. In: UNITED NATIONS EDUCACIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO), **História Geral da África . VII:** África sob dominação colonial, 1880-1935. Editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO. 2010, vol. VII. Cap.21.

UZOIGWE, G.N. Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In: UNITED NATIONS EDUCACIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO), **História Geral da África . VII:** África sob dominação colonial, 1880-1935. Editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO. 2010, vol. VII. Cap.2.